

TRIBUNA Livre

14
DEZEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

ABUSO COM ALTI-FALANTES

um apelo à Ex.^{ma} Câmara

Desde há anos que, quer por circulares e instruções chegadas às Câmaras, quer por virtude de reclamações particulares, tem vindo a ser restringido o uso de alti-falantes por toda a parte e até nas feiras e romarias o uso deste meio de propaganda comercial, apregoando a mercadoria, tem vindo a ser suprimido, por incomodo e pernicioso.

Nos centros civilizados apenas vemos exibir-se alti-falantes especiais de reduzida potência, principalmente na quadra do Natal.

Nesta parte da vila a coisa passa todas as marcas, e como isto nunca vimos em parte alguma admitir-se. Quatro potentes bocas, por não haver mais, e no máximo da intensidade, vomitam anúncios de chitas, panos, cobertores, etc, desde a manhã à noite.

Na rua, ou até dentro das casas, temos de berrar para ser ouvidos.

É um autêntico martírio e as reclamações são gerais.

Toda a gente pergunta por que se não acaba com isto.

Já várias vezes fez chegar estas reclamações e este estado de coisas à Câmara, assim como já levei ao seu conhecimento que alguns comerciantes queriam também pedir a mesma licença, para, com a confusão que gerariam duas ou três instalações a tocar e dizer simultaneamente coisas diferentes, acabarem por as calar.

Acho no entanto desnecessário, até porque sempre vi na Câmara a melhor disposição a este respeito.

Na verdade isto não pode aturar-se por mais tempo.

Fomos nós que há anos adquirimos para a terra as primeiras instalações sonoras do concelho, e que ao Domingo e dias festivos, principalmente no verão, nos proporcionaram momentos de agrado e de autêntica festa, pela novidade que eram e pelas músicas e belos cantares que nos traziam.

Com o decorrer dos anos o seu uso e abuso foi causando tal fastio que estão a ser abolidos, pois aquela música e cantares que tanto nos deliciaram, são agora um martírio, uma autêntica festa, pela novidade que eram e pelas músicas e belos cantares que nos traziam.

(Continua na 2.ª página)

As estradas municipais e a sua utilidade

Ao anunciar-se a intenção de falar na utilidade das estradas municipais parece que se vai discuti-la. Não é propriamente o que se pretende.

Pretende-se, isso sim, é confirmar que as estradas municipais são de grande utilidade e delas depende em boa parte o progresso da Nação. Mas essa utilidade só existe efectivamente se elas estiverem à altura de permi-

tir o transito em boas condições.

Ora, porque se reconhece a utilidade dessas estradas, muito se tem feito para as abrir. É preciso porém que se faça algo pela sua pavimentação.

Podíamos, ao falar em vez de falar na pavimentação, falar na conservação, mas seria perder tempo. As estradas municipais, porque ficam à guarda do município, não são conservadas, porque para tanto seria preciso dispendir de grandes meios. Porque assim é, à que encontrar na pavimentação o remédio para esta lacuna, ao mesmo tempo que ao fazer-se uma boa pavimentação se consegue a verdadeira finalidade da rodovia.

É preferível abrir menos estradas, mas essas te-las em boas condições. A pavimentação a calçada à fiada, a que também se chamam *a cubos* é a ideal. Como estamos na região da pedra essa pavimentação faz-se a preços acessíveis.

Quando assim se não faz, se abre uma estrada e se deixa sem a devida conservação,

(Continua na 2.ª página)

O novo imposto de camionagem

merece a melhor atenção

Entrará em vigor, no próximo ano, o novo imposto de camionagem que vem alterar profundamente o que vigorava até aqui.

A nova tributação fará incidir sobre essa indústria dois novos encargos: o agravamento das taxas e uma nova escrituração.

A primeira tornará difícil a vida aos mais débeis de recursos, a segunda obrigará a que todos dispersem as atenções e trabalhos.

Pode vir a verificar-se uma grande diminuição no número dos industriais, pela desistência dos mais pequenos, o que significará a constituição de agrupamentos maiores, com melhor defesa.

De qualquer maneira não se evitará um agravamento nos preços das mercadorias, que pode ser maior, quanto menor for a concorrência no futuro, pelo menor número dos industriais.

Os primeiros tempos serão de estudo de possibilidades e os seguintes de sobrevivência para os que ficaram. Bom será que os legisladores acompanhem também com compreensão a evolução, tornando as exigências compatíveis de maneira a evitar os males que se podem evitar.

mentação e no progresso das terras, que constituem o País.

A amplitude da mudança exige cautela e estudo mesmo depois de entrar em funcionamento, por dever ser-lhe feitos ajustamentos que podem evitar situações menos justas.

A humanização da lei, a adaptação aos casos especiais que nunca podem ser previstos de início é uma esperança que se pode ter e se deve ter.

A verdade sobre os «MERCENÁRIOS»

De tempos a tempos, talvez à falta de assunto de maior interesse, certas agências noticiosas propalam alegados «movimentos de mercenários» em territórios vizinhos da tão cobiçada Catanga. E um dos territórios em que—segundo tais agências—se verificam concentrações e movimentos de «mercenários e ex-gendarmes» é, inevitavelmente, Angola.

Isto é compreensível, até certo ponto, porque Angola tem com aquela província congoleza uma extensa fronteira de algumas centenas de quilómetros e também porque, quando a brutal ocu-

pação das cidades e centros industriais da Catanga pelas forças da ONU, em Dezembro do ano passado, muitos deles preferiram internar-se em Angola, entregando as suas armas às nossas autoridades, de acordo com as leis internacionais. E de acordo, igualmente, com as leis internacionais, as nossas autoridades recolheram essas armas e material de guerra, e diligenciaram, até ao limite do que seria humano, promover o regresso desses ex-gendarmes ao seu país de origem.

Muitos foram os que re-

(Continua na 2.ª página)

VERBO - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

Com uma regularidade rara nas publicações em fascículos (caso mais de enaltecer por se tratar de obra de tamanho vulto e de tão variada colaboração nacional e estrangeira), acaba de sair o fascículo n.º 11 da «VERBO - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura».

Sem nos determos no aspecto gráfico, a que nos habituou o nível técnico da Editorial Verbo, chamamos a atenção para as figuras e temas mais salientes. Surgem vultos da nossa história, como o Coronel Ferreira do Amaral, delineado na pena de Correia Marques, o académico Caetano do Amaral

a cargo de Domingos Maurício, e um dos mais famosos médicos portugueses, o judeu Amato Lusitano, cujas experiências foram decisivas para o estudo da circulação do sangue, tratado por Fernando de Castro Pires de Lima. Quanto aos temas, uns são de cultura bíblica, como as cartas de El Amarna e Amasias, ambos da autoria de J. Falcão; outros científicos, como o amendoim nos seus aspectos de técnica agrícola e de comercialização, amplamente visados por J. Sampaio d'Orey; outros históricos, como a Questão de Ambaca, cujas vicissitudes e solução nos relata a experiência de José Nosolini.

Dois vocábulos ocupam boa parte deste fascículo: Amazonas (com Amazónia) e América. Os dois nomes tiveram origem no equívoco. O do rio (e Estado) brasileiro, nascido de haverem confundido os índios, en-

(Continua na 5.ª página)

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos, até à quarta-feira.

A Redacção

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

As notícias desta freguesia, que das altas vertentes do Cávado vê para o Sul todo o extenso e profundo vale do mesmo nome, ainda não acabaram, embora se lhes pusesse uma breve pausa.

Tratava-se de recordações da infância e das condições escolares que a rodeavam, no tempo que tinha de recorrer-se à vizinha escola de Vilela e a garotada, que se juntava de lugares distantes, ali concorria em bandos, gritando e saltando pelas lágas das calçadas, atrás da rodinha de arame improvisada, e saquinha de lona à tira-colo, onde de mistura com os livros e os cadernos maltratados se juntava o naco de boroa para entreter durante o dia as contrações do estômago.

O regresso a casa era já mais moroso e divergente conforme a quadra do ano. Ora se repartia pelos laranjais e fruteiras á beira do caminho, bem contra vontade de seus donos, ora pelas poças refrescantes onde se acumulavam as águas das regas e serviam para os primeiros ensaios de natação, á falta de melhor.

Também os ninhos eram forte tentação de muitos, que contavam por dezenas os que tinham achado, desde os da minúscula carriça e do chasco aos da pomba brava. Armar-lhes o laço, feito de cordel de foguete ou criar os melros e as pegas em gaiolas previamente tecidas de varinhas de salgueiro; caçar melros de bico amarelo, por serem os melhores cantadores, armavam-se-lhes pelos lameiros os cacifos de forma piramidal, trabalhosamente fabricados das mesmas varas:

E quando os gaios caem sobre as leiras do milho temporão, a desfolhar com bicadas furiosas as primeiras espigas que aloiravam, havia os especialistas em armar as chamadas avoizes. merece consideração o classicismo deste termo, pelo sua formação e origem, donde se depreende que fora outrora mais usada esta armadilha por gente grande que miuda, na defesa das searas contra as aves (*avem + icex*) *que fere a ave*. Consistia numa vara de oliveira, com altura de metro, espetado e flectida para o chão, um pequeno cordel atado na ponta formava o laço de correr a volta de quatro pauzinhos igualmente espetados na terra, no centro a isca que sustentava a travinqueta de desarmar á primeira bicada da vitima, que havia de ficar presa pelo pescoço, quando a vara, soltando-se, se endireitasse.

Seria eficiente noutros tempos este meio de caçar ás aves, tão abundantes e nocivas á agricultura por estas regiões montanhosas; então, porém, porque talvez tivessem os olhos mais abertos, mui raramente se via cair alguma na inocente ratoeira, que só o espírito de imaginação e aventura lhes armava por entre os milheirais devastados a oito pelos bandos famigerados dos gaios e dos pardais.

Assim era, pois, que a grande distância da escola, longe de se tornar fastidiosa, era amenizada por estes e outros passatempos de grata recordação. Já aqui se disse da digressão pelo óculo de Bustelo, a lançar pedras naquele fojo profundo, *Bustelo*, diminutivo de *Busto*, quero dizer que aí existiu um cemitério em remotos tempos.

A esta época, e antes que funcionasse a escola de Vilela, vivia no lugar de Barreiros, desta mesma freguesia, um velho professor particular que ministrou os poucos rudimentos de leitura e escrita aos raros indivíduos, crianças e adultos que ás ocupações rurais tiveram o cuidado de tirar algum tempo para não serem de todo analfabetos.

Era bem conhecido por «mestre de Barreiros». Leccionava em sua própria casa, rodeada de mãe-silvas onde as abelhas dos cortiços, prostados á entrada, chupavam as flores. A insignificante mensalidade era recebida em dinheiro ou pacotes de rapé de que fazia largo uso em pitadas sonoras. Ao lado da sala de aula viam-se numa dependência contígua chuços que deviam ter andado na guerra ocasionada pela invasão francesa, tinham nas pontas bocados de cortiça para evitar o enferrujamento.

No verão, como não dava férias, acudiam ali muitos da escola oficial, para não esquecerem o que tinham aprendido. Era diferente, e até certo ponto muito mais prático o seu método de ensinar. A garotada bravia tinha de aprender a bem ou a mal. A palmatória estava á vista sobre a mesa e a sua ameaça era constante:

«*Tu abocas*» dizia o mestre do alto do seu estrado, juntando quase os dois maxilares, á falta dos dentes. E *abocava* mesmo á mínima hesitação na leitura ou na tabuada. Era convidado a dar-lhe uma dose de bolaria o companheiro que o emendasse; e se o não fizesse como devia, por acanhamento ou compaixão, levava-os então do mestre, bem puxados.

A leitura de manuscritos, velhas «sentenças» ou, como também lhe chamavam, «ratas», particípio do verbo *roer* — *julgar, sentenciar*, constituia um dos principais exercício de leitura, por vezes difícil de decifrar, quando se tratava de documentos caligrafados por maus copistas.

Continua no próximo número.

Tribuna Livre, 14/12/1963
1.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No dia 7 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na acção de divisão de causa comum que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal e que Arminda Vilela de Sousa, viúva, da freguesia de Barbudo, desta comarca, move contra José Pimentel Soares Nogueira e mulher Elvira Pereira Pimentel, do lugar da Bouça; Rosa de Jesus Soares Nogueira e marido José dos Santos Marques, do lugar do Casal; Américo Pimentel Soares Nogueira, solteiro, maior; Francisco de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior; Abel Soares Nogueira, solteiro, maior, estes do lugar de Sá, freguesia de Gême, desta comarca; Manuel de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior; Maria de Jesus Soares Nogueira, solteira, maior; Carolina de Oliveira Nogueira, viúva; Maria de Sousa Nogueira e marido Aníbal Gomes Peixoto, todos desta vila; Rosa de Oliveira Soares Nogueira e marido João Martins Alves, moradores no Bairro da Saúde, S. João da Madeira, comarca de Oliveira de Azeite; Rogério de Oliveira Soares Nogueira e mulher Maria Luíza Violante Dias Nogueira; António Soares Nogueira e mulher Rosa Natália Faria Ferreira Nogueira, estes residentes na rua Formosa N.º 348, da cidade do Porto; e Fernando de Oliveira Soares Nogueira, e mulher Aida da Conceição Nogueira Gomes, residentes na rua Caragatubá N.º 55, comarca de Santos, Estado de S. Paulo, Brasil, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio pertencente á autora e réus atrás mencionados:

Quinta de Sá de Baixo, composta de uma casa de morada, com eira, sequeira e canastro, Campo de Vilar do Fundo, Campo de Vilar do Meio, Campo do Lameiro, Campo da Tarrasteira, Campo do Pomar de Dentro, Campo do Pomar de Fora, Leira de Trás das Cortes, Leira do Coberto, Bouça da Sequeira, Campo da Tarrasteira de Cima, Campo da Vinha e Bouça junta, e Leira da Horta, inscrita na matriz urbana da freguesia de Gême sob o artigo 100 e na rústica sob os artigos 82, 83, 84, 80, 85, 91, 92, 87, 90, 86, 88 e 89 e descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca no N.º 4195, a fls. 49 do Livro B-12, confrontando no seu todo, do nascente e norte com o regato da Poça da Enxuguela, e com a Quinta de Sá de Cima, poente com o caminho que vai para Mós e do sul com o caminho e Luíza Pimentel, a qual entra

Não Parece de Prever Nova Política Norte-Americana, Relativamente a Portugal

A política dos Estados Unidos em relação aos novos países africanos não sofrerá qualquer alteração. Pelo contrário, será orientada no sentido de promover uma maior união de esforços entre os trinta e dois membros da Organização de Unidade Africana (OUA) não só nos campos económico, técnico e social, mas também, na oposição à política africana de Portugal.

Para os observadores de assuntos internacionais não constitui surpresa o teor da mensagem há pouco enviada pelo Presidente Lyndon B. Johnson ao Presidente do Ghana, Nkrumah, mensagem na qual se assegurava que a nova Administração norte-americana continuaria a defender que os territórios africanos «ainda por libertar» deverão tornar-se independentes. Esta posição tomada pelo Presidente norte-americano tem sido largamente utilizada pelos delegados africanos junto das Nações Unidas e pelos diplomatas de Washington tanto na Organização Internacional como nas várias capitais africanas para justificar a continuação do apoio não-africano aos chamados movimentos «nacionalistas» de Angola e de Moçambique, através da OUA.

A situação existente nas províncias portuguesas da África e o apoio das populações daqueles territórios á política seguida pelo Governo de Lisboa continuam a apresentar-se, porém, como «o mais difícil obstáculo» aos desígnios da OUA e de certas potências não-africanas. Sabe-se, por exemplo, que nos sectores do desenvolvimento económico e industrial, e da saúde pública e promoção social, o progresso do Ultramar português tem vindo a aumentar em ritmo superior ao da maior parte dos Estados africanos, apesar de fortemente subsidiados, estes últimos, financeira, económica e tecnicamente, pelos Estados Unidos e por outras nações ocidentais, assim como pelos países comunistas.

Estas considerações — e outras mais — levam a prever que não convém acalentar ilusão alguma de que a Administração Presidente Johnson venha a mostrar-se diferente do que foi a do malogrado Presidente John F. Kennedy, no respeitante á comunidade portuguesa de povos e territórios.

Pelo contrário, é mesmo de recear um endurecimento gradual da posição norte-americana quanto á política africana do Governo português, especialmente se os democratas saírem vencedores das eleições presidenciais de 1964. — ANI

As estradas municipais e a sua utilidade

(Continuação da 1.ª página)

dentro em pouco ela está intransitável, pelo menos para carros motorizados, que hoje representam a quase totalidade dos transportes.

Tem-se já feito muito pela pavimentação definitiva, que é a da calçada, mas é preciso continuar no mesmo ritmo.

Esta lembrança é filha dum receio justo que, infelizmente, pode vir a tomar formas reais.

em praça por Esc. 99.936\$00. Sobre o prédio a arrematar incide a favor de José Fernandes Dias, casado, negociante, residente na cidade de Braga, o domínio directo de um foro anual de 26,059 litros de trigo, correspondentes a uma e meia rasas, 285,029 litros de pão meado (milho alvo e centeio) correspondentes a quinze rasas e vinte e sete trinta e dois avos, 53,86 litros de vinho, correspondentes a um almude e vinte e cinco trinta e dois avos pela antiga aquatorzada do extinto convento de Rendufe, e setecentos e cinquenta e sete e meio réis em dinheiro, com laudêmio da quarentena.

Vila Verde, 29 de Nov. de 1963

O Escrivão de 2.ª Secção,

a) — António Monteiro

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

Abuso com alti-falantes

(Continuação da 1.ª página)

tica praga com pregoeiro e tudo.

Este abuso, é também um descrédito por se verificar na Sede do Concelho e demonstra grande atraso e falta de respeito pelos direitos e sossego alheios e pelos nossos doentes que merecem a compaixão de todos.

Não julgue o leitor que falo com qualquer despeito ou com outra intenção que não seja a de corrigir males que afectam a nossa terra e a sua gente.

Creio que me fazem a justiça de acreditar na sinceridade da afirmação, até porque sabem que também tenho á mão umas instalações sonoras.

Por estas razões, já a Câmara da Presidência anterior tinha proibido estes desmandos e até chegou a haver autos por desobediência.

Apela-se neste momento para a Ex.ma Câmara porque o ano está a findar, no sentido de não renovar tais licenças.

Se assim for, temos de estar gratos á nova Câmara.

Paulo Macedo

Visado Pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Começo por vos saudar desejando a todos um Natal muito feliz e um novo ano cheio de prosperidades.

Novos corpos
Administrativos

Com a entrada do ano de 1964 entram também em acção as novas Juntas (onde não foram as mesmas) e a nova Câmara. É nosso dever saudar as novas entidades, desejar-lhes muitas felicidades, nas diversas empresas a que tiveram de lançar mãos, e ajudá-las, tanto quanto nos for possível, se essas empresas tiverem como fim o bem comum, da freguesia ou do concelho. É natural que alguns dos elementos que formam os novos corpos administrativos, o que já parece ser costume antigo, sintam nissso alguma satisfação e pretendam, eles ou outros, manifestá-la. Ainda que disso não resultasse ofensa para ninguém, julgo ser disparate que algum se alegre por ter mais obrigações a cumprir, e, portanto, mais de que dar contas à sociedade e a Deus. Se repararmos nas lições da História, que, segundo Cícero, se deveria chamar «Luz da verdade e Mestra da vida» os grandes homens, tanto da sociedade civil como religiosa; sempre tiveram horror pelo desempenho dos altos cargos. Recorde-se a dificuldade que houve em levar o Doutor Salazar a aceitar o cargo de Ministro e quanto foi difícil levar Agostinho de Tagaste a aceitar o sacerdócio e o episcopado de Hipona... Portanto, em vez de alti-falantes e fogueles, ou de um contentamento parvo, melhor será que os elementos dos novos corpos administrativos meditem as grandes responsabilidades que vão assumir e peçam a Deus que os ilumine e ajude a desempenhar, com acertos e bons resultados, para bem de todos as suas novas missões. Esses cargos não se instituíram para luxo e gôso de uns tantos, nem para, servindo-se deles, andarem a fazer partidas às pessoas que atestam, com ou sem motivo... Esses lugares foram criados para servir o bem comum. Isto é, o bem estar de todos, amigos ou inimigos, sem distinção. Lembrem-se que todos os paroquianos e munícipes estão com os olhos bem atentos às actividades dos seus representantes, na Junta ou na Câmara e tanto estão preparados para louvar como para censurar. Louvarão as actividades zelosas pelo bem comum, assim como as boas intenções conhecidas como tais, e cen-

surarão os descuidos em não aproveitar as oportunidades favoráveis, a má administração, as vinganças, etc...

Creio que todos os paroquianos e munícipes estão dispostos a colaborar, tanto quanto possível, dentro das normas do bom senso, com as respectivas autoridades, sem me excluir a mim.

É um dever para todo o bom cidadão, colaborar com as autoridades.

Distribuição dos
Vereadores

Nós, os de Lago, devemos congratulá-los com o facto de um dos vereadores ser desta freguesia. É mais uma garantia de que os interesses de Lago não serão esquecidos. Estamos de parabéns.

Impressiona-me entretanto verificar que, enquanto Caldeas tem dois vereadores, a parte oriental do concelho não tem nenhum. Parece que não ficaria mais mal haver um só em Caldeas e o outro ser da parte Leste.

Isto é uma opinião com que não quero ofender ninguém, prejudicar.

Estrada da Ribeira

Há muito se pensa nesta obra que é uma verdadeira necessidade. Foi planeada há muito tempo, mas parece ter sido torpedeada por alguém que não vive na dita Ribeira nem em qualquer dos lugares da metade norte de Lago.

Graças a Deus que o Senhor Presidente da Câmara prometeu na minha presença tomar o caso muito a sério e já deu provas disso indo descobrir e desenterrar do pó a planta da referida estrada. Se chegar a realizar-se, como acredito religiosamente, ligará o lugar da Ponte do Bico, pela Ribeira à Igreja de Lago, e daqui, em futuro breve, iria até, Rendufe, por Fonte Covas.

Deus queira que não apareçam opositores e a colaboração de todos se verifique já nesta obra da nova administração paroquial e municipal.

Vosso J. Moreira

Aniversário

Passa na próxima sexta-feira dia 20 do corrente o aniversário natalício a menina Augusta de Jesus Fernandes.

Por tão alegre data seus pais, irmãos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que este dia se prolongue por muitos anos.

DE CALDELAS

Numa Derrapagem um Ciclista Fracturou o Crâneo

Caldeas, 8—Quando hoje pelas 18 horas o jornaleiro Virgílio da Silva Fernandes, solteiro, de 20 anos, residente em Cancellada da vizinha freguesia de Sequeiros, passava no lugar da Bousada, montado na sua bicicleta, teve uma forte derrapagem da qual resultou um ferimento com possível fractura do crâneo. O ferido foi imediatamente conduzido ao hospital de S. Marcos da cidade de Braga, onde ficou internado na enfermaria N.º 6.

DE VISITA

Partiu o senhor João da Silva Pereira e sua esposa Teresa de Jesus Pereira naturais e residentes em Crêspas — Braga. Aproveitando a quadra do Natal vão visitar seus filhos Srs. Alberto da Silva Pereira, Belmiro Pereira e João de Jesus da Silva Pereira, todos comerciantes e residentes em Sá da Bandeira — Angola.

Tribuna Livre deseja ao casal, boa viagem e que passem Boas-Festas com todas as suas famílias nas províncias ultramarinas.

EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO SAMEIRO

A Igreja Matriz de Ferreiros viviu, no passado dia 8, novos momentos de recitação e de Fé graças à oferta feita, à mesma Igreja, de uma imagem de grande porte, em honra de N.ª Senhora do Sameiro.

Foi ofertante o Sr. António Bento Dias visando na sua homenagem agradecer o regresso ao lar de seu filho José, há pouco chegado do ultramar.

O templo encheu-se de fiéis para assistirem aos actos litúrgicos que se realizaram com o maior esplendor.

CAPELA DO SENHOR DOS PASSOS

Depois de sofrer grandes benefícios nas imagens e no edifício, mostra-se concluída e exposta ao culto a Capela do Senhor dos Passos no largo fronteiro à Igreja de Ferreiros.

Tais reparações devem-se à benemerência do Sr. Paulo Barbosa de Macedo, devendo salientar-se, de entre os restauros, o painel que ao fundo cria o cenário próprio

A verdade sobre os «MERCENARIOS»

(Continuação da 1.ª página)

gressaram — mas outros preferiram, e com boas razões, ficar em Angola; com efeito, a linha divisória da fronteira, naquelas paragens, é uma criação política que não conseguiu anular as ligações étnicas que fazem dos povos de um e outro lado uma grande família.

Tanto assim que, apesar de todo o bloqueio imposto pelas forças da ONU e pelo Governo de Léopoldo, ainda são as populações angolanas que continuam a socorrer, com alimentos, os seus irmãos do outro lado da fronteira.

assim muitos desses ex-gendarmes estão hoje praticamente integrados nos núcleos familiares do lado de cá da fronteira, e, se porventura se recordam da sua nacionalidade de origem, será certamente para evocar os tempos felizes, ainda não muito distantes, em que a Catanga era um exemplo de trabalho ordenado, de tranquilidade social, de vida próspera, sob a orientação dos belgas e a vizinhança amiga dos portugueses.

Aqui, no nosso território, algumas centenas de ex-gendarmes catangueses, cansados de uma luta inútil pela defesa do seu direito à autodeterminação e a um padrão de vida digno, trocaram, definitivamente, as armas de guerra pelos instrumentos do trabalho e, lado a lado com os seus irmãos de raça, arroteiam hoje pequenas lavras na terra de Angola, para proverem ao seu sustento próprio, e até ao dos seus irmãos de além-fronteira.

Qualquer observador imparcial, jornalista ao não, português ao estrangeiro, os pode ver nessas pacíficas ocupações. Qualquer observador imparcial — repetimos, porque para certas «fabricas de informações» é muito mais fácil inventar histórias de «legiões de mercenários» concentradas em Angola e prontas para invadirem o Congo logo que as forças da ONU se retirem. — ANI

Monografia de Entre-Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Obra levada a cargo sem intuídos comerciais, ela é devota ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Volume — Monografia de Amares

II — Monografia de Terras de Bouro.

O seu custo é de 30\$00 cada volume.

Nenhum Amarense que se prese deve deixar de adquirir esta Obra que nos ensina a nossa história e dos nossos maiores de antanho, poetas, guerreiros e monges e dos seus castelos, santuários e vetustos monumentos, desde os primórdios da Nacionalidade.

Do Gerês

FALECIMENTO

No passado dia 29 do mês findo, faleceu o Sr. Julio Maria Eiras, casado de 46 anos, proprietário, deixando viúva e filhos ainda menores.

O extinto era estimado por todos e a sua morte causou estranheza por ter sido repentina.

Deixamos os nossos pesames a toda a família enlutada.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

VERBO - Enciclopédia Luso-Brasileira

(Continuação da 1.ª página)

contrados nas margens do grande rio, com «amazonas» ou mulheres guerreiras. Igualmente o nome América originou-se na falsa suposição do descobridor do novo mundo, como abundantemente se relata neste fascículo. Estes temas, de tão ampla vastidão, são versados, nos seus aspectos tanto científicos como culturais. Por nomes competentes, como o historiador Domingos Maurício, o geólogo C. Romariz e o famoso antropólogo brasileiro Gilberto Freyre que nos apresenta uma sugestiva síntese sobre «o homem americano»

á imagem bíblica que o conjunto significa.

Templo muito visitado o seu embelezamento é acto que muito engrandece o conjunto religioso da nossa freguesia.

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

A CASA DO POVO E A SUA SEDE

Há sempre vários problemas dentro dos limites duma Região que, para resolvê-los, acertadamente, é necessária muita precaução e prudência e, mesmo enunciados dentro destes princípios, os nossos prognósticos quase sempre saem errados e convergem para o mal. E, principalmente, quando os assuntos são vistos e resolvidos á luz do interesse pessoal e particular, pondo de parte o bairrismo e o amor pela nossa Terra, que devem servir de esteio e guia na resolução de todos os problemas, a coisa corre mal, a catástrofe é inevitável, e os efeitos da causa serão o aumento senão a completa ruína de um Povo. E, mesmo aqueles problemas que á primeira vista nos poderão parecer insignificantes, devem ser tratados e postos no seu devido lugar com todo o interesse e prudência. Porque, males aparentemente benévolos na sua origem têm chegado a funestas fatalidades irremediáveis, no futuro.

Como meio preventivo é que nós temos procurado colocar-nos sempre de atalaia... e, mesmo assim...

Como já se afirmou aqui, nas colunas deste elucidativo periódico Tribuna Livre, alguém muito arditamente, intentou arrastar a Sede da nossa Casa do Povo da Ribeira, para o sopé da freguesia de Souto, para junto da sua habitação embora esse alguém tivesse compreendido que, se assim tivesse prevalecido a sua insensata ambição, a Casa do Povo ficaria instalada num deserto, onde só habitam mochos e corujas, afastada uns quilómetros dos vários povoados que dela fazem parte integrante. E se esse afastamento ou definitiva instalação assim tão descentralizada não conta no espírito e no interesse daqueles humildes mas muito honrados sócios que vivem abandonados e esquecidos, dispersos pelas encostas das serras, e que ficariam afastados da Sede dois a três quilómetros, sem caminhos nem carreiros, como cabras abandonadas — e, entre estes sócios e em tão precárias condições, encontram-se sócios das três freguesias: Balança, lugares da Pena, Esposende, Vila, S. Pantaleão, etc.; Ribeira, lugares de Gogide, Chemedião, Real, etc.; Souto, lugares de Santa Cruz Sequeirô, etc. Ora, depois de ter queimado todo o seu material bélico... o dito petensioso benfeitor, apresentou a público mais este requintado argumento: — *é que eu se levasse a Sede da Casa do Povo para junto da mi-*

nha... era só com o fim de trazer a luz eléctrica para Souto... (É fantástico!.. ou melhor, é bestial!..) E, atendendo a esta importantíssima descoberta científica, eu admiro os americanos ou os russos ainda não terem convidado, para as suas fileiras, estas nova sumidade científica que... de facto, diga-se com toda a franqueza, é uma pena estar assim tão esquecida junto da Cabreira... É que com o seu auxílio, talvez, tanto uns, como outros, mais rapidamente, chegassem á Lua.

É caso para se perguntar: — O Povo da Balança, e Ribeira não precisariam ou não pretenderiam a luz eléctrica? E a Casa do Povo, com a sua Sede na Ribeira, não poderia ou não deveria ter já tratado desse assunto?... E todos nós não calaremos que tem de se construir uma cabina de transformação e divisão da energia, entre as três freguesias para abastecer esta Região?... E alguém desconhecerá que a freguesia da Ribeira continua e há-de continuar a ser o centro desta Região?... — Que desculpa tão disparatada!...

— Quem não te conhecer.. que te compre.. que nós já te conhecemos...

De qualquer forma, como o Povo das três freguesias nem sempre dorme, e não está habituado a promessas que a possa colocar em posto de segura confiança... e anda saturado de falsas ofertas... e, constando que de Bragosa deslocavam á Casa do Povo da Ribeira alguns representantes do Ministério das Corporações, com o fim de se discutir se sim ou não a Sede desta Casa do Povo, haviendo de sair da Ribeira, muitos dos seus associados (para cima de uma centena) começaram a afluír para junto da Sede Eram 16 horas (quarta-feira, dia 4), quando chegou a Vau o carro que conduzia o Ex.^{mo} Sr. Subdelegado do I. N. T. P. (em representação do Ex.^{mo} Sr. Dr. Delegado), mais o Sr. Jorge (funcionário da Seccção das C. do P.).

Em gabinete confidencial, aqueles Senhores conferenciaram, demoradamente, com os membros da Direcção e Assembleia enquanto o Povo esperava ansioso a decisão. Em seguida, e junto do Povo o Ex.^{mo} Sr. Subdelegado expôs, carinhosamente e com bem manifesta simpatia popular, o causa daquela sua visita, e quis ao mesmo tempo, saber ou conhecer a sincera opinião daqueles associados, a respeito da instalação da futura Sede daquela Casa do Povo. Verificou-se, então, que nem um único voto apareceu a favor da pessoa que pretendia arrastar a Sede para Souto, e

todos, em uníssono, responderam:

— *Que emos a Sede na Ribeira!...*

Finalmente, e depois de prolongada discussão, ficou então definido proceder-se, de futuro, de forma que a vontade do Povo seja tomada na devida consideração e atenção, e a Sede da Casa do Povo da Ribeira seja instalada, quando fôr construída, entre Vau e a Igreja da Ribeira (assim, já começamos o compreender-nos!). O Povo, exaltado e unanimemente, tomou em grande consideração a preclara prova de carinho e simpatia até publicamente manifestada pelos Ex.^{mos} Visitantes, cuja lembrança ainda continua a prevalecer no espírito daquela Gente humilde mas muito respeitadora.

A apresentação da tese em causa foi feita pelo Sr. Manuel A. Barreto Marques sócio e fundador daquela Casa do Povo, nos seguintes termos:

Ex.^{mo} Sr. Dr. Delegado do I. N. T. P. Sr. Assistente das C. do P.:

É com profundo e sentido prazer, cordeal estima e elevada consideração que, neste momento e neste lugar, desejo apresentar a V. Ex.^{as}, humides e sinceras felicitações — minhas, muito particularmente; e em nome do Povo desta Região, em geral — por esta tão singular visita que V. Ex.^{as} se dignaram realizar a esta Casa do Povo da Ribeira, trazendo á nossa alma e ao nosso coração uma impoluta e altíssima prova de dedicação, carinho simpatia e preclaro interesse pela vida dos Povos Rurais.

Estes são de facto os principais e transcendente dons, os simbólicos incentivos com que a Natureza excepcionalmente sabe dotar os Homens e que têm feito de V. Ex.^{as} um devotados, valorosos e intrépidos soldados lidadores do Corporativismo e aguerridos pugnadores pela causa progressiva, e decisiva expansão das Casas do Povo, e pelo Bem comum das classes rurais — essa pleiade de agricultores que, ainda hoje, felizmente, o mais puro Escudo da Velha e nobre Raça Lusitana!..

Por todo este complexo de dons, valores e virtudes, V. Ex.^{as} eram mais que merecedores de uma brilhante, efusiva e prestosa recepção neste lugar e sempre que aparecessem no meio do Povo.

E os humildes habitantes desta Região, sócios desta Casa do Povo, gente humilde, mas distintamente nobre, hospitaleira, familiar e muito grata para com as pessoas merecedoras de estima e gratidão, esta gente, sem excepções, sentir-se-ia, indubitavelmente, honrada e muito

satisfeita, se pudesse, neste momento, estar aqui integralmente em pessoa, para exprimir sinceramente a V. Ex.^{as} os seus nobres sentimentos de estímas, e apresentar as suas cordiais felicitações. Porém, e como se verifica, as presenças são bem deminutas, simplesmente porque quase toda a gente desta Região desconhecia a visita de V. Ex.^{as} á nossa Casa do Povo; e mais porque, regra geral, estas visitas não caem bem no espírito de tem ou outro indivíduo pretensioso pelo prevalecimento da sua absoluta e particular opinião, tendo sempre em vista a intenção de esconder, e de fazer impossibilitar o contacto do Povo com as Autoridades Superiores, muitas vezes ou quase sempre com o fim de melhor camuflar os erros ou irregularidades.

Uma vez aqui, no nosso meio, como ilustres e familiares visitantes, e por que sei que V. Ex.^{as} têm sempre um preclaro interesse pelo bom funcionamento destes Organismos Corporativos, e uma íntima pretensão em escutar, estudar e resolver as lidimas vontades e auspícios, aspirações dum Povo, e laboram sempre guiados pelos salutares princípios da Justiça, do Direito, da Honra e de Dever, cumpre-me afirmar aqui, pública e muito respeitosamente, a V. Ex.^{as}, e em nome de todos os associados deste Organismo Corporativo, que a Sede desta Casa do Povo da Ribeira, incontestavelmente, insufismavelmente, e irrevogavelmente, tem que continuar a ser instalada, através dos tempos, das vontades e dos espaços, dentro dos limites desta freguesia da Ribeira, onde cuidadosamente e em face de prudente e desinteressado estudo foi instalada desde a sua origem. E mais ainda porque é esta a firme e verdadeira vontade e ansioso interesse deste Povo, que sabe muitíssimo bem o que quer, o que deve fazer e o que faz... sem necessidade de qualquer falso tutor ou procurador.

Em face destas verdades, V. Ex.^{as} facilmente poderão chegar á perfeita conclusão de que a incongruente ideia de arrastar a Casa do Povo da Ribeira para Souto, porque apareceu, ultimamente lá um benfeitor (?...) a oferecer para isso e gratuitamente uns metros de terreno, pode afirmar-se que tal intenção e resolução certamente tere a sua origem em manha de nublosa, se apossou funestamente do espírito mal intencionado daquela alma benfazeja(!).

Esta irrefletida e imprudente lembrança não passará nunca de uma autentica insensatez, com fins infundados, inconcebíveis irrealizáveis.

Neste incongruente pensamento nunca se poderá encontrar o mínimo de interesse ou de vontade do Povo ou para o Povo (e a vontade

do Povo deve merecer sempre toda o veneração e respeito. E, se alguém, neste momento, surgisse a dar a sua opinião ou parecer favorável e de aprovação a essa errónea e deturpada ideia... só um indivíduo mal intencionado e de opinião suspeita o poderia intentar fazer.

Pròpriamente esse senhor que se dignou fazer a oferta do terreno, se quiser usar de franquesa e dar a conhecer a voz da sua consciência, há-de concordar e compreender que laborou no erro, quando se lembrou de arrastar a Sede da Casa do Povo da Ribeira para Souto, para junto da sua habitação, para um local inteiramente situado na periferia das três freguesias.

Meus senhores: — É conveniente salientar que cada Casa do Povo tem uma missão extraordinária e de principal valor e grandeza para cumprir e realizar nos meios rurais. E pudemos ter a certeza absoluta e a confiança inabalável de que o próximo Futuro dos Povos Rurais, bem como todos os seus problemas quotidianos e de suma importância, só dentro da Casa do Povo é que poderão encontrar a sua completa e perfeita resolução. E até mesmo os mais graves e concludentes problemas agrários, igualmente só dentro da Casa do Povo é que hão-de descobrir a satisfação das suas soluções. O agricultor rural há-de ir á Casa do Povo buscar o lenitivo, o conforto, o auxílio, a elucidação e até a cura para as gangrenosas feridas que já a vêem corroendo e arruinando.

Em face de todas estas verdades, a Casa do Povo terá que ser instalada no ponto mais central do seu aglomerado, e sempre com relativas claras tendências a aproximar-se dos meios mais afastados e abandonados, e mais mal servidos por péssimas comunicações; e é preciso que os Dirigentes da Casa do Povo procurem, quanto possível, melhorar dentro da sua área, tudo o que reclame reparação, amparo, construção e auxílio. A Casa do Povo há-de ter também, num Futuro bem próximo, (como aliás já tem, embora muitos dos seus Dirigentes quase o desconheçam ou não lhes interessam...) competência e poderes suficientes para tratar, cuidar e resolver tudo dentro da sua jurisdição. A bem dizer, dentro da área da Casa do Povo, não há problemas ou necessidades irresolúveis: — tudo se resolve, desde que os Corpos Gerentes saibam ocupar digna e honradamente os seus lugares, e ponham de parte os seus interesses particulares... Por conseguinte, a par da instalação da Casa do Povo, importa colocar a esmerada escolha dos Corpos Gerentes: — que sejam pessoas inteiramente habéis, honestas, perpicazes, e que saí-

Continua na 5.ª página

TERRAS DO BOURO

NO ESPÍRITO DE

Manuel Augusto B. Marques

Continuação da 1.ª página

bam clara e devotadamente o que se quer e o que faz falta realizar: isto é, pessoas que tomem a seus ombros os interesses e as necessidades de todos os associados da Casa do Povo, como sua a das alheias. E, se os Corpos Gerentes se afastarem ou abandonarem este Lema, os seus serviços e toda a sua obra... nenhum valor terá... e até será de grande prejuízo e ruína para a Casa do Povo, isto é, para os seus associados, como aliás as provas o têm demonstrado por quase toda a parte.

Tenhamos a certeza de que, a competência dos Homens, pouca ou nenhuma vez se encontra nas pessoas muito cultas ou nas ricas de qualquer localidade (competência é servir com interesse, amor e dignidade). A competência é o símbolo real de querer, ter vontade, ter interesse, e... acima de tudo, é fazer!... Não interessa nem se deve perguntar quem foi a pessoa que fez... ou que fez... como fez ou como faz...

A pessoa mais rude, e mais inculta, pode chegar a ser uma pessoa bem competente e de certo valor, dentro do seu meio ou região, desde que seja assistida por uma vontade e interesse firme e inquebrantáveis. E nós precisamos, em todos os Organismos Corporativos, de pessoas feitas em assuntos agrícolas.

De que vale ao Homem a grande cultura, se a sua opinião andar orientada e subjugada pela inércia: pelo desinteresse e... pela má vontade de servir?!... Tal pessoa, onde existir, tudo pode ser mas nunca passará de um valor zero, no meio da sociedade, de um ser repugnante e antipático.

É preciso também que os Homens compreendam que se devem reunir familiarmente, sempre que lhes pareça necessário e conveniente, na sua Casa do Povo, expondo, estudando e procurando a verdadeira solução para tudo sem qualquer excepção, que diga respeito à sua Região.

A Casa do Povo, quando se instala numa Região, deve obedecer ao fim específico e bem definido de unir, ligar e familiarizar toda essa Região, desenvolvendo dentro dela o progresso e o interesse comum, irmanando todos os seus associados com laços de sólida e mútua união e concórdia. E, quanto mais agreste e rude for essa Regi-

ão, mais urgente se torna a fecundante, estimulativa e vigilante acção da Casa do Povo. Eis uma das principais razões por que se deve procurar centralizar, o mais possível, a Sede da Casa do Povo, de forma que ela seja como que um lídimo farol, ao centro da Comunidade, sentinela vigilante a guardar de perto e a apreciar todas as necessidades, e de cuja acção devem partir as decisões de rasgar acessíveis meios de comunicações rurais entre todos os lugares onde habitam os seus associados.

Ora, sob este aspecto social, poucas são as Casas do Povo que se encontrem em deplorável igualdade de circunstâncias como a nossa. Dela fazem parte três freguesias — Balança, Ribeira e Souto — onde não existe um único meio de comunicação inferior, de uma para as outras freguesias, a não ser *esta estrada intransitável*, cá ao fundo das freguesias. Mais outra razão porque o Povo quer e precisa da Sede da sua Casa no centro das três freguesias, porque é por aí que se faz quase todo o tráfego agrícola da nossa Região. E temos também de compreender que todos estes povoados se acham dispersos por entre as agrestes encostas das serras e não possuem caminhos em condições de por eles se poder transitar a pé, porque aqueles Homens de acção, retemperada no ardor e fervor da Revolução do 28 de Maio, ainda aqui não chegaram; e... se chegaram... aqui não permaneceram.

Terminando, apenas quero dizer que, a Casa do Povo é para o Povo, e tem que ser a salvaguarda vigilante de todos os interesses e necessidades dos seus associados, e do meio rural onde estiver a funcionar. E, quando os Homens chegarem à perfeita compreensão destas realidades, então as Casas do Povo entrarão na sua verdadeira órbita, darão um grande passo em frente e a sua acção progressiva e renovadora será uma realidade visível e palpável.

A preclara, dinâmica e persistente acção corporativista de Vossas Ex.as, Snr. Delegado do I. N. T. P. e Snr. Assistente das Casas do Povo, serão as colunas mestras destas realidades. O nosso Povo, fervorosamente, ama, escuta e obedece à Voz dos seus legítimos Superiores.

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

José Alves Coelho de Azevedo, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º, da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da **Assembleia Nacional** para o ano de 1964, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos arts. 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados que embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) curso geral dos liceus;
- b) Curso do magistério primário;
- c) Curso das escolas de belas artes;
- d) Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º e 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão requerida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou tinta a óleo da Junta de Freguesia;

d) Pela respectiva declaração dos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º 4.º e 5.º faz-se:

a) Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos FILHOS MENORES a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado; profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 2 de Dezembro de 1963.

**Telefone do serviço permanente dos
Bombeiros Voluntários 62162**

DESPORTOS

Acima de tudo o

SPORTING

Transcrição do jornal «SPORTING»

Assumimos a direcção deste jornal num transe psicológicamente difícil para a vida do Club. Para quem já nos conhece desnecessário será assegurar-lhes que vamos pôr em jogo toda a nossa ilimitada fé sportinguista no desempenho da nossa missão. E julgamos desnecessárias quaisquer palavras para acrescentar à ideia que possam fazer da orientação a seguir na vida do Jornal.

Para quem o nosso nome não seja mais que uma incógnita, parece-nos indispensável algumas palavras simples de auto-introdução.

Antes disso, queremos salientar que no projecto dos estatutos, sabiamente elaborado por uma comissão de «leões» de raça, tendo à frente o prestigioso Presidente da Assembleia-Geral do Club, vem defendido que o nosso jornal se destina a «manter sempre vivo o ideal sportinguista e a estreitar as relações entre a família leonina».

Palavras singelas que exprimem toda uma linha de acção. Manter sempre vivo o ideal sportinguista! Eis o que vamos procurar fazer, esperando, nesse sentido, a ajuda de todos os nossos colaboradores. E é tão simples: basta que todos sobreponham ao interesse particular, o nome glorioso do nosso Sporting!

Estreitar as relações entre a família leonina. Eis o esforço que devem dispendir todos os sportinguistas que se presam. A hora é de união e comunhão de esforços. Se conseguirmos ser uma família cada vez mais unida, teremos também um Sporting cada vez maior, um Sporting como nós todos desejamos que seja.

No seio do Club vamos procurar, pacificamente, ajudar a estabelecer a harmonia entre todos os sportinguistas.

Nas relações com o exterior, reagiremos a tudo que possa ferir a nossa sensibilidade de sportinguistas. Decentemente, sem ataques pessoais, sem «pedras no sapato», dentro da boa ética que deve imperar no campo do Desporto.

No desempenho da nossa missão, contamos com todos vós, sportinguistas de gemal! Com os vossos alvitres, com a vossa colaboração e, até, com os vossos conselhos

quando o julgarem oportuno.

Façamos todos do nosso jornal, um órgão sério para maior glória e prestígio do Sporting Club de Portugal.

Primeira derrota Belenense, em Coimbra

Difícil vitória do Benfica no seu próprio campo

SPORTING e PORTO venceram fora

Confirmou-se a tradição; a baixa forma da equipa sportinguista dera esperanças ao olhanense, mas ainda não foi desta vez que a equipa conseguiu a primeira vitória sobre o Sporting; de novo os leões ganharam. Por seu turno, o Belenenses perdeu pela primeira vez neste campeonato e o Benfica só no último segundo conseguiu vencer, no seu próprio campo, o Vitória de Guimarães. As alterações na classificação, não foram, porém, sensíveis.

Os resultados da jornada foram: Benfica - Guimarães 2-1. Académica - Belenenses 1-0. Barreir.-Porto 1-3. Leixões-Seixal 0-0. Varzim-Cuf 1-1. Setúbal-Lusitano 1-2. Olhanense-Sporting 0-2.

A classificação actual ficou assim ordenada:

Benfica	14
Belenenses	12
Porto	11
Académica	11
Setúbal	10
Sporting	10
Guimarães	9
Cuf	8
Leixões	8
VARZIM	6
Lusitano	5
Barreirense	4
Seixal	4
OLHANENSE	0

Na próxima jornada, a nossa, o calendário dos jogos é o seguinte: Leixões-Varzim. Cuf-Setúbal. Lusitano-Olhannense. Sporting - Benfica. Guimarães-Académica. Belenenses-Barreirense e Seixal-Futebol C. do Porto.

SEGUNDA DIVISÃO

O Farense foi alcançado no primeiro lugar da Zona Sul

Dos grupos que estão a disputar o Campeonato Nacional da segunda divisão, o Salgueiros, na Zona Norte, aumentou a sua vantagem, e na Zona Sul o Farense perdeu e foi alcançado por outros três clubes.

Os resultados da jornada foram os seguintes:

Zona Norte: Feirense-Boavista, 3-0. Salgueiros Vianense, 4-1. Covilhã-Sanjoanense, 2-2. Oliveirense-Leça, 0-0. Braga-Vildemoinhos 7-1. Famalicão-Marinense, 1-1. Beira-Mar-Espinho, 3-0. Zona Sul: Cova da Piedade-Montijo 2-2. Alhandra-Torriense, 4-1. Atlético-Luso, 4-0. Oriental-Farense, 1-0.

Manuel Marques representa Portugal na corrida de S. Silvestre em S. Paulo, Brasil

Manuel Marques, do Benfica, irá ao Brasil representar Portugal na corrida de S. Silvestre, que se disputa, na noite de 31 de Dezembro, em S. Paulo.

O atleta foi ontem seleccionado para aquela corrida numa prova de 6.800 metros, que fez no tempo de 20 minutos e 37,8 segundos.

Notícias Várias

Terceira Jornada do campeonato da Madeira

Disputaram-se os jogos respeitantes à terceira jornada do Campeonato da Madeira de Futebol, com os seguintes resultados: Sporting Nacional, 2-1; Marítimo-União, 1-0.

em Angra do Heroísmo

Nos jogos ontem disputados, no torneio de classificação para a Taça de Portugal, registaram-se os seguintes resultados:

Lusitânia - Angrense, 4-0; Praiense-União, 1-0.

Prossegue na Horta o torneio de preparação, em Futebol

Em jogo a contar para o torneio de preparação, as equipas de futebol do Faial Sports e do Sporting empataram a três golos.

O Sporting comanda em reservas

Na antepenúltima jornada do Campeonato Regional de Futebol de Reservas registaram-se os seguintes resultados:

Atlético-Alhandra, 6-0; Sacavenense - Benfica, 2-5; Sporting - Belenenses, 1-0; Torriense-Oriental, 3-2.

Depois destes jogos a classificação actual é a seguinte: Sporting, 34 pontos; Benfica, 33; Belenenses 29; Torriense, 22; Atlético, 21; Oriental, 20; Sacavenense, 19, Alhandra, 14.

Partem de Lisboa vinte concorrentes ao Rali de Montecarlo

Embora só duas equipas portuguesas participem no Rali Automóvel a Montecarlo, que se realiza em Janeiro, partem de Lisboa vinte carros concorrentes.

Torriense	9
Atlético	7
Portimonense	7
Beja	6
Os Leões	6
Luso	6
Lusitano de Vila Real	4
Sacavenense	3

Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A M O D E L A R

Telefone 62113

Amares

Peniche - Sacavenense, 6-0. Portimonense-Vila Real, 3-0. Beja-Leões (adiado).

As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

Salgueiros	13
Marinhense	11
Covilhã	11
BRAGA	11
Beira-Mar	10
Feirense	10
Leça	9
Boavista	8
Oliveirense	7
Espinho	5
Sanjoanense	5
Vianense	5
Famalicão	4
Vildemoinhos	2

ZONA SUL

Peniche	11
Montijo	11
Farense	11
Alhandra	11
Cova da Piedade	9
Oriental	9